

# **A LEITURA E A ESCRITA EM SALA DE AULA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E O MATERIAL DO PROGRAMA LER E ESCREVER: A EXPERIÊNCIA NO BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO**

Laís Helena Besseler<sup>1</sup>  
Elvira Cristina Martins Tassoni<sup>2</sup>

Comunicação Oral – Diálogos Abertos sobre a Educação Básica

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como foco investigativo o Programa Ler e Escrever – política pública do estado de São Paulo, direcionada aos anos iniciais do Ensino Fundamental. O Programa conta com várias frentes de atuação, envolvendo um processo formativo em diferentes âmbitos, incluindo a formação de formadores, a formação dos professores-coordenadores e a formação de professores, bem como a produção de material didático para os anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando promover a melhoria do ensino da língua portuguesa e da matemática. Com este estudo buscamos discutir a utilização do material didático do referido Programa no 3º ano, momento de finalização do bloco inicial de alfabetização, em uma escola estadual da cidade de Campinas (SP), tendo como foco o ensino da língua materna. Tem como problema investigar como este material vem sendo explorado em sala de aula. O procedimento de coleta de dados utilizado foi a observação do uso do material em sala de aula, com registro das informações em diário de campo, bem como entrevistas abertas com a professora do 3º ano e com a professora-coordenadora da escola investigada. Os resultados apontaram que há divergências entre as propostas trazidas pelo material do Ler e Escrever e as práticas realizadas pelo docente em sala de aula. Consideramos que as propostas trazidas pelo Programa se distanciam do contexto enfrentado pelo professor em seu cotidiano e, portanto, as políticas educacionais elaboradas pelo Estado só terão merecida atenção dos educadores quando, de fato, estes forem considerados como protagonistas no seu processo de elaboração e implementação. Espera-se contribuir para as discussões sobre as práticas pedagógicas relacionadas à escrita e à leitura e também sobre as formas como as políticas de formação continuada de professores alfabetizadores têm refletido em tais práticas.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Formação de Professores. Programa Ler e Escrever.

## **INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Graduanda do 7º período do curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista FAPESP de Iniciação Científica. laisbesseler@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas. Membro do Grupo de Pesquisa Formação e Trabalho Docente. cristinatassoni@puc-campinas.edu.br

Os estudos que visam à problematização da alfabetização escolar, mesmo recebendo muitas atenções da comunidade acadêmica, ainda se constituem em importantes meios de reflexão dos caminhos escolhidos até então para a realização do trabalho de alfabetização na escola, como também em base indicativa de novas possibilidades para o desenvolvimento de tal trabalho.

O desafio da escola em alfabetizar promovendo o desenvolvimento de competências no âmbito da formação do leitor e do produtor de texto competente, ainda se apresenta como um grande entrave. Desde a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), observa-se um movimento, no sentido de criar possibilidades de formação continuada dos professores, principalmente dos que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino.

O anseio em investigar o Programa Ler e Escrever (PLE) justifica-se em razão de se constituir em mais uma alternativa na busca por promover maior qualidade no ensino da língua materna, por meio da articulação entre a formação de professores e as práticas pedagógicas, que resultem em melhorias no domínio e na competência nos usos da leitura e da escrita por parte dos alunos.

O Programa Ler e Escrever (PLE), desde 2008, vem compondo ano a ano um conjunto de ações articuladas em várias frentes de atuação, a saber: formação em diferentes âmbitos envolvendo formadores, professores-coordenadores e professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, acompanhamento do trabalho realizado, elaboração e distribuição de materiais pedagógicos. Tal programa se constitui numa política pública para os anos iniciais do Ensino Fundamental, objetivando promover a melhoria do ensino em toda a rede estadual. Apresenta metas que visam à efetivação da alfabetização para as crianças até os oito anos de idade, ou seja, até o final do 3º ano, período em que se encerra o bloco inicial de alfabetização, objeto de estudo desta pesquisa, bem como à recuperação da aprendizagem de leitura e escrita aos alunos dos demais anos do Ensino Fundamental (anos iniciais), ou seja, 4º e 5º ano.

A respeito dos objetivos do PLE, Camacho (2012, p. 12) afirma que:

O Programa Ler e Escrever tem como objetivo romper com a cultura escolar equivocada que permite aos alunos percorrer os anos dos ciclos sem conseguir aprender a ler e escrever. Tem como propósito desenvolver ações que interferem diretamente no cotidiano da sala de aula e na gestão da escola que visem a reverter este quadro de fracasso escolar ocasionado pela alfabetização precária dos alunos nas séries (sic) iniciais do Ensino Fundamental dos sistemas públicos de ensino.

No âmbito da formação, o Programa Ler e Escrever propõe um processo formativo em diferentes esferas: (i) a formação de formadores – realizada na CENP/DOT (Coordenadoria de

Estudos e Normas Pedagógicas/Departamento de Orientações Técnicas), órgãos vinculados à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo – os formadores se responsabilizam pela formação dos professores-coordenadores (nomenclatura instituída pelo Programa aos coordenadores pedagógicos das escolas estaduais); (ii) a formação dos professores-coordenadores – realizada nas DE (Diretorias de Ensino) – que são responsáveis pela formação de seus professores; (iii) a formação de professores – que acontece na escola nos ATPC (Atividade de Trabalho Pedagógico Coletivo).

No que se refere ao material didático elaborado pelo PLE e destinado a todas as classes do 1º ao 5º ano, atualmente este é composto por: Coletânea de Atividades – destinado ao aluno; Guia de Planejamento e Orientações Didáticas – destinado ao professor, orientando sobre a utilização do material; além de um livro de textos com diversos gêneros textuais em um único volume para ser trabalhado com todas as classes do Ciclo I<sup>3</sup>. Ainda oferece um manual sobre os objetivos do Programa destinado aos pais dos alunos do 2º ano e outros materiais, não elaborados pelo PLE, mas disponibilizados por meio dele tais como: Revista Picolé, acervo de livros de literatura, Revista Recreio, História em Quadrinhos da Turma da Mônica, dentre outros.

O material didático do Ler e Escrever traz a sua concepção de alfabetização pautada nas ideias do Construtivismo, em acordo com as o Currículo do Estado de São Paulo. Conforme o Guia de Planejamento e Orientações Didáticas (SÃO PAULO, 2011, p. 15), o programa compreende a escrita como linguagem, um meio de comunicação que deve ser promovido pela escola, a partir do desenvolvimento de “atividades que tenham significado para que as crianças vejam sentido em escrever”. Ainda segundo este material:

A escola precisa criar o ambiente e propor situação de práticas sociais de uso da escrita [...] para que [os alunos] possam interagir intensamente com textos dos mais variados gêneros, identificar e refletir sobre seus diferentes usos sociais, produzir textos e, assim, construir as capacidades que lhe permitam participar das situações sociais pautadas pela cultura escrita (*Idem*, p. 15).

A forma como o referido Programa concebe a língua também é apresentado no Guia de Planejamento e Orientações Didáticas (SÃO PAULO, 2011, p. 16), que descreve:

A língua não é um código – é um complexo sistema que representa uma identidade cultural. É preciso saber ler e escrever para interagir com essa cultura com autonomia, inclusive para modifica-la, do lugar de quem enuncia e não apenas consome.

---

<sup>3</sup> O Ensino Fundamental de nove anos compreende as duas etapas de escolarização, composto da seguinte maneira: Ciclo I, referente aos anos iniciais (1º ao 5º ano); e Ciclo II referente aos anos finais (6º ao 9º ano).

No que diz respeito a essa autonomia, o material explicita que a condição básica para desenvolvê-la é a apropriação do sistema de escrita sempre de maneira contextualizada, que envolve aprendizagens muito específicas por parte dos alunos, tais como: o conhecimento do alfabeto, a forma gráfica das letras, seus nomes e seu valor sonoro.

Diante das intenções em que se pauta o Programa Ler e Escrever, nossa investigação buscou respostas à seguinte problemática: como o material didático do Ler e Escrever vem sendo explorado numa sala de aula do 3º ano do Ensino fundamental.

Especificamente buscamos identificar quais as estratégias empregadas pela professora da classe investigada, no trabalho com a leitura e a escrita, ao utilizar o material didático do Programa em questão.

Esclarecemos que a opção por reunir dados referentes ao 3º ano do Ensino Fundamental se deve ao fato de que é nesta etapa escolar em que o aluno deve estar apto à leitura e escrita, encerrando assim o ciclo de alfabetização, temática discutida em nosso estudo.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para as discussões sobre práticas pedagógicas relacionadas à escrita e à leitura, bem como, sobre as forma com as quais as políticas de formação continuada de professores alfabetizadores têm refletido em tais práticas.

## **1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Nossa pesquisa fundamentou-se numa abordagem qualitativa de investigação, por centrar-se numa metodologia de estudo que, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 11) “ênfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais”. Baseou-se na observação de campo, como procedimento de coleta de dados, que nos possibilitou registrar o contexto natural onde os fenômenos ocorreram, bem como, a postura dos sujeitos envolvidos.

A utilização da observação em sala de aula, ocorrida entre os meses de setembro a novembro do ano de 2012, mostrou-se adequada para a presente pesquisa, pois oportunizou, segundo Lüdke e André (1986, p.26) “um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado (...). A experiência direta é sem dúvida, o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno”.

Por meio das situações observadas foi possível selecionar o que havia de significativo e coerente, em relação à base teórica construída, para então registrarmos dados relevantes em diário de campo que, além de conter material descritivo, consistia também em um material reflexivo, composto por informações e observações pessoais das pesquisadoras que buscavam compreender as situações analisadas.

Além da observação na classe do 3º ano, foram realizadas entrevistas com a professora-coordenadora da escola e a docentes da sala investigada, foram fundamentais para o entendimento da dinâmica pedagógica que permeia a instituição, principalmente, no que diz respeito ao trabalho com o material do Programa Ler e Escrever.

Não podemos deixar de mencionar que o estudo dos materiais destinados ao 3º ano do EF, isto é, Coletânea de Atividades e Guia de Planejamento e Orientações Didáticas também se fez necessário para posteriores análises das práticas desenvolvidas pela professora da sala observada.

## **2. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS**

### **2.1. A instituição-campo**

A instituição investigada é uma escola estadual localizada no município de Campinas. Pertencente a um bairro mais distante do centro da cidade. Oferece Ensino Fundamental e Médio, atendendo no período matutino e vespertino, anos finais e iniciais do Ensino Fundamental, respectivamente e, no período noturno, alunos do Ensino Médio. Embora atenda as duas etapas da Educação Básica, tendo matriculado um número considerável de alunos, a escola em sua estrutura física configura-se como um espaço pequeno, composto por quatro salas de aula e biblioteca, no piso superior; e por salas dos professores, da coordenação, direção e vice-direção, além de um banheiro masculino um feminino e um banheiro para funcionários, no piso térreo. No espaço externo dispõe de uma quadra descoberta, estacionamento para funcionários, cozinha e refeitório no pátio.

É uma escola, inaugurada em 1994, que apresenta traços da educação do campo atendendo, inicialmente, alunos de 1ª a 4ª série em classes multisseriadas.

Atualmente, a comunidade escolar constitui-se de moradores do próprio bairro, sendo poucos os provenientes de bairros vizinhos, localizados distantes do centro da cidade. Segundo relatos das professoras e dos próprios alunos, são oriundos de famílias com médio poder aquisitivo, que em grande parte possuem em suas residências: videogame, computador, automóvel, aparelhos de telefone móveis e máquinas fotográficas digitais.

Quanto à participação dos pais, esta se dá de modo ativo, ocorrendo a presença de grande parte deles nos colegiados da escola, tais como: Associação de Pais e Mestre (APM) e Conselho de Escola. Além disso, há participação efetiva, em grande número, nas reuniões de pais, convocações, festas comemorativas (bem frequentes nesta unidade escolar) e gincanas.

A escola busca, conforme consta em sua proposta pedagógica, seguir os quatro pilares<sup>4</sup> da Educação, tais como: Aprender a Conhecer – formando a base para o aprendizado continuado; Aprender a Fazer – desenvolvendo habilidades e competências; Aprender a Viver Juntos – convivendo com os outros, proporcionando o desenvolvimento do conhecimento recíproco e da vivência conjunta, respeitando as relações interpessoais, por meio do diálogo.

Desse modo, a referida proposta pedagógica objetiva: propiciar a formação do aluno, orientando-o para que ele possa saber pensar, criar, criticar, elaborar e atuar de modo a ser agente de transformação na realidade em que está inserido; criar um espaço de confiança para que o aluno vivencie, pesquise, aprenda e desenvolva suas habilidades; construir seus conhecimentos em clima de liberdade, com atividades e projetos; cultivar a alegria, o amor, a sabedoria e a liberdade; provocar o debate, a interação, o levantamento de hipóteses e a reflexão.

## **2.2. A classe do 3º ano e a dinâmica das aulas**

O 3º ano é uma classe composta por 24 alunos e 22 deles, segundo professora, baseada nas avaliações processuais realizadas por ela, encontram-se no nível alfabético<sup>5</sup> de escrita, cometendo apenas alguns erros ortográficos, considerados comuns à etapa de alfabetização em que se encontram. Ainda, segundo as informações da professora, um deles apresenta características do nível silábico, devido à entrada tardia na classe, pois era aluno de outra escola e, comparado ao restante da turma, já chegou defasado em relação à aprendizagem da leitura e escrita. Em compensação, conforme a professora, este aluno é ótimo nos exercícios que envolvem o raciocínio lógico-matemático. O outro aluno, durante todo o processo investigativo, estava sendo acompanhado pela equipe pedagógica da escola, pois apresentava comportamento diferenciado dos demais, sendo uma criança extremamente agitada, que sabia escrever apenas o seu nome e não demonstrava interesse pelas aulas.

Os alunos não possuíam lugar fixo de permanência na classe, sendo que a cada dia, tinham a liberdade de escolher o seu espaço de estudo. A única ressalva eram os alunos que apresentavam problemas visuais, que conscientemente, procuravam sentar mais próximos à lousa. Em geral, era uma sala que, embora se mostrasse bastante agitada, correspondia ao que era proposto pela professora.

---

<sup>4</sup>Pressupomos que os quatro pilares descritos no documento analisado pela pesquisadora, refiram-se aos quatro pilares da Educação sistematizados por Jacques Delors.

<sup>5</sup>Níveis de desenvolvimento da escrita, de acordo com Emília Ferreiro, que compreendem os níveis pré-silábico, silábico sem valor, silábico com valor, silábico alfabético e alfabético. Estão descritos no livro da autora A psicogênese da Língua Escrita (1986). Está é a forma com que o Programa Ler e Escrever propõe a avaliação da escrita dos alunos.

A professora, formada em Pedagogia, com 30 anos de experiência como educadora estava em seu último ano de docência, à espera de sua aposentadoria. Nos últimos dois anos, ela lecionara para turmas de 3º ano e dizia gostar da experiência. Na escola onde ocorreu a investigação, o seu trabalho já completara 10 anos.

Nas aulas observadas, alternava entre a utilização do material didático do Programa Ler e Escrever e exercícios passados na lousa, que ela mesma elaborava. Em seu discurso, era frequente a preocupação com a excelência dos alunos na prova do Saresp, que estava por acontecer e, por este motivo, o conteúdo de suas aulas voltava-se ao que era cobrado nesse tipo de avaliação. Poucas vezes foi possível observar a utilização de materiais concretos que complementassem suas aulas, tais como: livros paradidáticos, construção de materiais pelos alunos, entre outros.

A maior parte das aulas contemplava conteúdos referentes ao ensino da língua materna e da matemática, com a exceção de uma aula (de 50 minutos), às quintas-feiras, reservada à professora de Artes e de uma aula, às sextas-feiras, reservada à professora de Educação Física.

### **2.3. Material didático do 3º ano: o Guia de Planejamento e Orientações Didáticas e a Coletânea de Atividades do Ler e Escrever**

O material destinado às classes de 3º ano do Ensino Fundamental, assim como todo o material didático do Programa Ler e Escrever é composto por conteúdos da Língua Portuguesa e da Matemática. Em relação ao aprendizado da leitura e da escrita, está estruturado considerando os dois eixos norteadores para o ensino da língua materna, descritos nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997): (i) o uso da língua oral e escrita; (ii) análise e reflexão sobre a língua.

Segundo o Guia de Planejamento e Orientações Didáticas (SÃO PAULO, 2010), os pressupostos, objetivos e orientações metodológicas de todo o material são integralmente convergentes com os da Secretaria Estadual de Educação, devendo constituir-se como: um apoio para o planejamento e atuação do professor em sala de aula; e suporte para o aprendizado contextualizado do aluno, em seu processo de alfabetização.

O material em questão é apresentado em dois volumes, sendo cada um deles referente a um semestre do ano letivo. Em ambos há a preocupação de apresentar ao professor as expectativas de aprendizagem para o 3º ano, de acordo com o Currículo do Estado de São Paulo, em relação à: comunicação oral; leitura; e produção de textos. No que concerne às principais expectativas para o 1º semestre, o Guia de Planejamento e Orientações Didáticas

(SÃO PAULO, 2010) aponta que os alunos deverão ser capazes de: em relação à comunicação oral – participar de situações de intercâmbio oral, ouvindo com atenção, formulando e respondendo perguntas e emitindo comentários sobre o tema tratado; em relação à leitura – apreciar textos literários, ler por si mesmo textos conhecidos (lendas, adivinhas, trava-línguas, poemas, cantigas), ler com auxílio do professor textos de diversos gêneros (divulgação científica, enciclopédicos, notícias), apoiando-se em seus conhecimentos sobre o tema e sobre o sistema de escrita; em relação à produção textual – reescrever trechos de histórias conhecidas considerando as ideias principais do texto-fonte, produzir textos de divulgação científica, preocupando-se com a clareza e precisão da linguagem, e revisar o texto coletivamente em parceria com os colegas. No que se refere às expectativas de aprendizagem para o 2º semestre do 3º ano, o Volume 2, do Guia de Planejamento e Orientações Didáticas (SÃO PAULO, 2010, p. 14), aponta que:

as atividades propostas se destinam a ampliar os conhecimentos dos alunos em duas dimensões: a do conhecimento da língua em relação ao sistema de escrita alfabético e a dos conhecimentos relacionados à linguagem escrita, concretizados nas diversas práticas sociais.

Neste sentido, as expectativas de aprendizagem em relação à comunicação oral, leitura e escrita são as mesmas do 1º semestre, de modo que estas devem ser propostas como um aprofundamento, isto é, uma evolução da aprendizagem da criança sobre os conteúdos propostos no semestre anterior.

Na sequência, o material aponta ao professor o modo como os alunos devem ser avaliados, tanto no que se referem às atividades realizadas propostas pelo Programa, como na aprendizagem dos mesmos em relação à sua evolução na construção do conhecimento.

De acordo com o próprio Guia de Planejamento e Orientações Didáticas (SÃO PAULO, 2010, p. 22), “a avaliação deve ser um processo formativo contínuo”. Sobre esse tipo de avaliação, o volume 2 do Guia afirma que:

a avaliação é parte integrante dos processos de ensino e de aprendizagem e que, neste sentido, deve-se levar em conta não só o resultados das tarefas realizadas pelos alunos, o produto, mas também o percurso desenvolvido por eles, o processo (SÃO PAULO, 2010 p. 19).

Considerar a avaliação como um processo formativo contínuo, segundo o material, permite ao professor identificar os objetivos atingidos e situações que precisam ser revistas e replanejadas para que os alunos continuem aprendendo.

Finalmente, após as instruções trazidas ao professor para auxiliá-lo na construção de seu planejamento, as atividades a serem desenvolvidas com os alunos são apresentadas. São as mesmas descritas na Coletânea de Atividades. No primeiro semestre a Coletânea de Atividades – volume 1, se divide em dois blocos de estudo, no que se refere à Língua Portuguesa: o primeiro, contemplando 26 atividades de Leitura e Escrita, trazendo textos de diversos gêneros a serem lidos e interpretados, palavras cruzadas, reescrita de frases, entre outras; e o segundo bloco contém o Projeto Didático: Animais do Mar, no qual são apresentadas fichas de animais marinhos para serem construídas pelos alunos e textos de divulgação científica sobre a temática trabalhada. Já no segundo semestre, período em que a pesquisa foi desenvolvida, a Coletânea de Atividades se dividia nos seguintes blocos de estudo: Atividades de Análise e Reflexão sobre o sistema de Escrita por meio da leitura e escrita de canções populares – ênfase na ortografia e separação entre as palavras; Sequência Didática Astronomia: o sistema solar, seus planetas e outros mistérios do céu, dando ênfase à leitura e escrita de textos de divulgação científica, propondo também a interdisciplinaridade e a pesquisa.

#### 2.4. As atividades trabalhadas em sala de aula

Foram realizadas seis sessões de observação na sala do 3º ano, conforme demonstra o quadro abaixo.

**Quadro 01.** Atividades observadas na sala do 3º ano.

Aula	Material Didático	Conteúdo
01	1. E.M.A.I <sup>6</sup> .	Exploração de tabelas e gráficos.
	2. Coletânea de Atividades do PLE	Leitura da canção <i>Alegria, Alegria</i> , de Caetano Veloso (p. 25).
02	1. Coletânea de Atividades PLE	Leitura do texto <i>Vênus, o gêmeo da Terra</i> – Sequência Didática (p. 40-41).
03	1. Atividade Lousa (apoio: livro de textos PLE)	Exploração de rimas, versos e produção de poesia.

<sup>6</sup>Como em alguns dias de observação ficávamos em período integral na sala de aula, acabamos por presenciar atividades de Matemática, ao qual a professora se pautava nas apostilas do projeto EMAI (Educação Matemática dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental), também desenvolvido pela rede estadual. Estas atividades não serão detalhadas por não abordarem a temática da pesquisa.

04	1. E.M.A.I.	Exploração e confecção de sólidos geométricos.
	2. Coletânea de Atividades PLE	Leitura/discussão do texto <i>Saturno, o senhor dos anéis</i> (p.48-49).
05	1. Atividade Lousa	Exercícios de adição, subtração e multiplicação.
06	1. Coletânea de Atividades PLE	Resolução de Problemas de Multiplicação (p.106-109).

Como demonstrado, o material do Programa Ler e Escrever foi utilizado em cinco, dos seis dias observados, sendo que para o ensino da língua materna foram observadas a sua utilização em três das atividades, o que nos leva a acreditar que o material em questão é frequentemente explorado pela professora.

Para melhor discussão das atividades em que o material do Programa investigado foi utilizado, destacamos a seguir cada uma delas evidenciando as estratégias utilizadas pela professora ao realizá-las com seus alunos e a forma como as respectivas atividades eram propostas pelo Guia de Planejamento e Orientações Didáticas.

### **Atividades de Análise e Reflexão sobre o Sistema de Escrita:**

**Aula 01 – Atividade 14: Canção *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso (COLETÂNEA DE ATIVIDADES, 2010, p. 25):**

Segundo o Guia (2010, p. 90-91), esta atividade tem como objetivo refletir sobre o uso do M ou N no final das sílabas (M final e M ou N antes de consoantes) e pode ser encaminhada da seguinte forma: (i) apresentação da canção, ensinando a melodia aos alunos e transmitindo informações sobre o autor da canção (o material fornece algumas informações a esse respeito); (ii) releitura retomando o uso do M e N no final das sílabas: 1ª leitura para explorar o vocabulário (o material propõe que os próprios alunos busquem o significado das palavras desconhecidas, a partir de uma discussão sobre a letra da canção, e somente quando não conseguirem chegar ao significado, o professor deve dar a eles a explicação); a 2ª leitura focalizando os usos do M e N, discutindo a escrita das palavras; (iii) retomar as regras para os usos do M e N e escrever na lousa todas as palavras em que tal aspecto aparece.

A observação da atividade em sala de aula mostrou que a professora optou em trabalhar a canção de maneira diferente das orientações dadas no Guia. Os alunos estavam

sentados em fileira, individualmente. A professora solicitou que abrissem a Coletânea de Atividades na página referente à letra da canção que seria trabalhada:

*- Vamos mostrar à professora [pesquisadora], como vocês sabem ler bem!*

A professora inicia a leitura coletiva da canção, com todos da classe, em voz alta. Os alunos começam acompanhando o ritmo da professora, mas assim que ela para de direcioná-los, acabam se perdendo: uns lendo mais rápido, outros com um pouco mais de dificuldade. A professora os interrompe:

*- Para, para! Vamos fazer o seguinte: cada um vai ler uma estrofe. Vocês lembram o que é estrofe?*  
*- Sim! – respondem em coro!*  
*- Então vamos começar... Caio, leia a 1ª estrofe!*

E assim, todos realizam a leitura pela segunda vez, em voz alta, individualmente. Apenas dois dos alunos demonstram dificuldades em relação a algumas palavras que supomos serem desconhecidas de seus vocabulários, tais como: cardinales, Brigitte Bardot.

Após o término da leitura, a professora os elogia e faz perguntas sobre o texto:

*- Vocês entenderam o texto? 'Tá' falando a caminhada de alguém, que faz muitas coisas sempre com alegria.*  
*- Professora, o que quer dizer cardinales? – pergunta um dos alunos.*  
*- Vamos procurar no dicionário.*

Uma das crianças realiza a busca:

*- Quer dizer 'cultura'!*  
*- Ah, isso mesmo. Então no texto: culturas bonitas!*

Posteriormente, escreve duas questões na lousa: a) quantas estrofes têm o poema; b) quantos versos têm o poema. Pedes que copiem no caderno e disponibiliza um tempo para que possam respondê-las. Em seguida corrige-as na lousa e pede a uma aluna que coloque a terceira questão na lousa: copie e cole do texto as palavras que estão no plural.

Explica a atividade, lembrando o conceito de plural:

- Agora vocês vão listar todas as palavras que estão no plural, ou seja, aquelas que geralmente terminam em 's', por exemplo: crimes, guerrilhas, bandeiras,

E finalizou a atividade passando de mesa em mesa, vistando os cadernos.

### **Sequência Didática Astronomia: o sistema solar, seus planetas e outros mistérios do céu**

O trabalho com conteúdos interdisciplinares, proposto pelo Ler e Escrever, neste caso a Astronomia, é pautado nas orientações dispostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) que trazem a necessidade de explorar a diversidade de textos, considerando fundamental a presença da interdisciplinaridade nas aulas de português. Segundo o documento:

Cabe [...] à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar, [...] (Idem, p. 26).

Neste sentido, propõe a sequência didática trazendo-a como uma oportunidade de aliar o aprendizado da língua materna à construção do conhecimento na área das Ciências Naturais, por meio da apropriação de textos de natureza científica, pelos alunos.

Dispondo de uma série de textos explicativos sobre os planetas do Sistema Solar, seguido de um pequeno glossário de Astronomia, o Guia (SÃO PAULO, 2010) propõe ao professor a realização das seguintes etapas para o cumprimento das atividades: (i) apresentação do tema, por meio de três atividades: confecção de um desenho, pelos alunos, que revele tudo o que sabem sobre o espaço; exposição de uma imagem do Sistema Solar que instigue os alunos a elaborarem perguntas, cujas respostas deverão buscar posteriormente; seleção de fontes de informações (livros, revistas, enciclopédias, materiais extraídos de sites) que auxiliem os estudantes a encontrar todas as respostas para suas curiosidades; (ii) estudo coletivo, por meio da leitura compartilhada do texto “Nosso sistema, o solar” para que seja possível “desenvolver procedimentos de leitor, como: anteciper o conteúdo a partir de títulos e subtítulos, buscar respostas, relacionar as próprias ideias e informações a respeito de um tema com as informações trazidas pelo texto” (Idem, p.167); “aprender alguns procedimentos de ler para estudar, como grifar, fazer anotações, destacar as principais informações” (Idem, p.169); ler para localizar informações; ler, tendo o professor como modelo, para aprender alguns procedimentos de estudo como “encontrar respostas a perguntas formuladas por si mesmo, destacar as principais informações de um texto de jornal e formular novas questões a partir de uma leitura” (Idem, p. 173); (iii) estudos em grupo, por meio de: leitura de textos de divulgação

científica, com materiais escolhidos pelo professor; utilização dos procedimentos de ler para estudar (grifar, destacar ideias, etc.); (iv) avaliação do percurso por meio da organização de dois painéis: um com os desenhos feitos no início do trabalho com a sequência didática; e outro com todas as discussões em forma de síntese elaborada pelos alunos com a mediação do professor. A partir dos painéis organiza-se uma roda de conversa para apreciação e levantamento das conquistas realizadas ao longo do estudo.

Ainda segundo o material, o desenvolvimento desta Sequência Didática deveria estar presente na rotina de aula, pelo menos uma vez por semana.

No que se refere às estratégias utilizadas pela professora para explorar a Sequência Didática proposta pelo Ler e Escrever, foi possível notar posturas semelhantes em relação a atividade desenvolvida na aula analisada anteriormente, ou seja, a professora optou em trabalhar com a sequência didática de Astronomia de maneira diferente das orientações dadas pelo Guia, ora realizando o que era sugerido, ora partindo de suas próprias experiências e conhecimentos.

A seguir, apresentamos as duas aulas em que foi possível registrar seus procedimentos.

#### **Aula 02: *Vênus, o gêmeo da Terra* (COLETÂNEA DE ATIVIDADES, 2010, p. 40-41):**

Os alunos estão sentados em duplas. A professora distribui a Coletânea de Atividades e explica que vai dar continuidade ao “Projeto Astronomia”. Pede que abram na página em que pararam na aula anterior.

*- Hoje nós vamos falar sobre o planeta Vênus.  
Quero todo mundo lendo junto comigo!*

Iniciam a leitura coletiva, em voz alta, do 1º parágrafo. A sala parece não estar atenta a leitura. Então a professora interrompe, e pede a um aluno que estava conversando que continue de onde pararam. E ele continua. Permanecem na leitura individual, cada um lendo um parágrafo, até finalizarem.

Ao final da leitura, inicia-se uma discussão em torno da temática e da compreensão do significado das palavras do texto. A professora pergunta à classe:

*- Vocês sabem o que é ‘ambos’?*

Em coro, a classe responde negativamente. E ela se põe a explicar:

- *Ambos é a mesma coisa que dizer que 'os dois são semelhantes, iguais', entenderam?*

Os alunos ficam em silêncio, demonstrando ter compreendido a explicação da professora, que faz outra pergunta:

- *E o que o texto fala sobre Efeito Estufa? O que é? Alguém sabe?*

Um aluno, sempre participativo às aulas, responde:

- *Funciona como uma panela de pressão.*

A professora olha para a pesquisadora, como que orgulhosa de seu aluno, mas resolve aprofundar a discussão como meio de trazer a compreensão aos outros alunos que pareciam não ter entendido a resposta de seu colega. Pergunta a ele:

- *Como assim?*

Para o descontentamento da professora, o mesmo aluno, desta vez, fica em silêncio e ela, então, não consegue concluir sua resposta. Sem saber como conceituar Efeito Estufa, demonstra certo nervosismo, e busca explicações imediatas no Guia de Planejamento e Orientações Didáticas do Ler e Escrever, sem sucesso. Finaliza a discussão, sem dar qualquer retorno à classe, apenas concordando com a resposta anterior:

- *É isso mesmo! É como uma panela de pressão.*

E rapidamente, começa a escrever na lousa, formulando questões sobre o texto que acabara de ser lido. Pede aos alunos que compartilham as ideias para responderem as questões.

Após a realização da atividade pelas crianças, a professora autorizou a observação do caderno das mesmas. Foi possível observar três aspectos relacionados à escrita, tais como: troca de letras com sons parecidos, como *naturesa*, ao invés de natureza; disposição das palavras no caderno de forma inadequada, uma vez que copiavam a pergunta da lousa e colocavam a sua resposta na sequência, sem mudar de linha; escrita sem reflexão, pois ao dar a resposta de uma pergunta, escreviam no caderno partes aleatórias do texto, que nada tinha a ver com o que era perguntado.

Por fim, a professora foi corrigindo os cadernos, um a um, elogiando os que atenderam ao que foi perguntado e chamando a atenção daqueles que pareciam apresentar pequenos erros ortográficos e/ou de compreensão. Posteriormente foi até a biblioteca, ao lado, e retornou à sala com cerca de vinte livros iguais, com o título “Terra, o Planeta Água”, e os distribui para as duplas para que os alunos lessem. Explicou que tentou localizar livros de leitura mais fáceis, com mais ilustrações e mais pertinente ao tema estudado, mas só havia encontrado aquele.

**Aula 4: Saturno, o Senhor dos Anéis** (COLETÂNEA DE ATIVIDADES, 2010, p. 48-49).

A professora pede que abram o livro na página referente as informações do planeta Saturno.

*- Vamos fazer uma leitura em voz alta. Cada um lê um trechinho, até o ponto final.*

Durante a leitura, a professora ia fazendo alguns questionamentos:

*- O Saturno é o 2º maior planeta. Qual é o 1º? Alguém sabe me contar?*

As crianças buscavam nos textos lidos anteriormente e respondiam, rapidamente:

*- Júpiter!*

E a professora fez outras perguntas:

*- O que é não tripulada?*

*- Um lugar que não tem pessoas. – respondeu um dos alunos.*

*- E sonda remota? – perguntou a professora novamente.*

*- Quer dizer que pode mandar um robô pra controlar. – replicou outra aluna.*

Ao explicar alguns conceitos presentes no texto, a professor parecia ter muito conhecimento sobre Geografia. Disse a eles que “densidade menor” quer dizer que o planeta e mais leve.

Para explicar o conceito de “diâmetro”, fez um desenho na lousa, ilustrando suas palavras e facilitando a compreensão dos alunos.

Posteriormente pediu que realizassem com os pais, uma pesquisa sobre o planeta Saturno.

## **2.5. Propostas do Guia de Planejamento e Orientações Didáticas x Práticas Docente**

Faz-se necessário o esclarecimento de que, embora tenhamos presenciado, em sua maioria, nas observações realizadas na sala do 3º ano, o trabalho com o material didático do Programa Ler e Escrever, trazendo-nos importantes reflexões sobre a prática do professor em sala de aula, tais análises, não nos revela certezas sobre as concepções e práticas da professora da sala investigada, no que diz respeito ao ensino da leitura e escrita. Para isso, seria fundamental a frequente permanência na classe e análise de suas aulas, durante todo o ano letivo, de modo que pudéssemos acompanhar a evolução no processo de ensino-aprendizagem da turma a que fazemos referência. Contudo, podemos destacar alguns aspectos.

Primeiramente, diante das estratégias utilizadas pela professora consideramos que o uso recorrente do material não é sinônimo de que ele esteja sendo explorado durante as aulas da maneira como é proposto pelo Guia de Planejamento e Orientações Didáticas .

A professora, durante a entrevista realizada, descreve o Programa Ler e Escrever como sendo “um bom material que facilita o ensino do Português e de fácil utilização”. Segundo ela o Guia de Planejamento e Orientações Didáticas ajuda o professor a se planejar e Segundo ela os textos trazidos na Coletânea de Atividades “são bons porque tratam de temas atuais que os alunos gostam”.

Destacamos aí certa contradição entre seu discurso e suas práticas diante das observações realizadas, uma vez que, principalmente no que se refere à exploração da Sequencia Didática a docente não segue praticamente nenhuma das sugestões propostas pelo material. Sua busca está em evidenciar a compreensão dos textos e esta se pauta somente na leitura dos mesmos e nas discussões posteriores. As evidências nos levam a acreditar, portanto, que a professora não realiza seu planejamento para a utilização da Coletânea de Atividades, baseada nas propostas do Guia de Planejamento e Orientações Didáticas.

Outra situação em que este planejamento autônomo fica claro é na exploração da canção Alegria, Alegria, durante a Aula 01, em que a proposta do material era refletir sobre os usos de M e N no final das sílabas e a professora, contrariamente, explora o conceito de plural.

Diante da análise do Guia de Planejamento e Orientações Didáticas (SÃO PAULO, 2010) é possível afirmar que este se trata de um instrumento que auxilia o professor na

elaboração de seu planejamento para a atuação didática, sendo portanto, um ponto de partida para o trabalho com o conteúdo apresentado na Coletânea de Atividades.

E por ser um ponto de partida, caberia ao professor, na postura de sujeito pesquisador, um estudo aprofundado do conteúdo proposto pelo material, e, portanto leitura prévia do Guia, para posteriormente entranhar-se no conteúdo, de modo a contextualizá-lo aos alunos de acordo com as necessidades vislumbradas.

Contudo, o que pudemos destacar é que, a professora por demonstrar uma compreensão do material do Programa Ler e Escrever equivocada (ao dizer que se tratava de um material de fácil utilização), muitas vezes, não se atentava em estudar as propostas trazidas pelo Guia e, por assim fazer, acabava improvisando durante as aulas em que explorava as atividades da Coletânea, agindo de acordo com suas ideias e conhecimentos sobre o conteúdo abordado.

Acreditamos que a compreensão equivocada sobre o material se deva ao fato de que este é elaborado de acordo com as orientações curriculares do estado de São Paulo, que por sua vez trata-se de um documento ao qual os professores já estão acostumados e, muitas vezes consideram como incoerente ao contexto de suas vivências em sala de aula.

Em síntese, consideramos que a professora, sabendo que um dos objetivos de nossa pesquisa era analisar suas práticas em relação ao ensino do processo de alfabetização, centrou-se nas habilidades de leitura dos seus alunos e secundarizou as ideias trazidas pelo Guia de Planejamento e Orientações Didáticas. Como exemplo, citamos as situações em que a docente, ao pedir aos alunos que abrissem a Coletânea de Atividades na página do texto sobre determinado planeta, realizava metade da leitura com a classe toda, e em seguida pedia a cada um que lesse um parágrafo. Elogiava os que realizavam uma boa leitura, isto é, respeitando pontuações, entonação, dando ênfase às informações que mereciam destaque; e repreendia aqueles que demonstravam maior dificuldade, muitas vezes dizendo-lhes que estavam “dormindo ou brincando em sala de aula” e que se não treinassem iriam “ficar pra trás”.

Quando as atividades sugeriam a elaboração de perguntas, a professora procurava fazê-lo, mas nem sempre eram perguntas voltadas à interpretação textual. Em sua maioria, focava aspectos ortográficos, referentes ao conteúdo que deveria ser estudado para o bom desempenho na prova do Saresp. A solução das perguntas, geralmente, vinha apenas do material contido na Coletânea de Atividades, única fonte de informação que tinham em mãos, embora a professora houvesse mencionado anteriormente o gosto da sala em realizar pesquisas. Em nenhum momento foi possível ver os alunos com material complementar que pudessem consultar, ou que tivessem trazido de casa, para a realização das atividades.

Por fim, também foi possível destacar que a professora, por saber que o material didático do Programa Ler e Escrever não segue uma sequência lógica e linear, como acontecem nos demais livros didáticos, parecia utilizá-lo não apenas como suporte para o desenvolvimento das práticas de leitura, mas também como uma atividade complementar para a revisão dos conteúdos do SARESP, desconsiderando, mais uma vez os objetivos propostos pelo Guia de Planejamento e Orientações Didáticas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da investigação realizada, é fundamental destacar que a formação do professor interfere diretamente em sua prática, uma vez que, estas serão desenvolvidas de acordo com as suas concepções em torno da educação e do processo alfabetizar. Ter clareza não só dos métodos de alfabetização diante da arte de ensinar este processo, mas também dos materiais com os quais se vão trabalhar com os alunos é tarefa primordial do professor para que este possa ter maior segurança no momento de planejar as suas aulas, atentando-se aos seus objetivos e aos procedimentos a que deve recorrer, bem como os processos avaliativos que deverá realizar.

Outro ponto de conclusão faz menção ao papel do Estado, que deve ter como obrigação a revisão detalhada de suas orientações curriculares no momento de elaborar e implementar políticas públicas tais como o Programa Ler e Escrever, a fim de que estas possam de fato atender as necessidades dos sujeitos que adentro o espaço da sala de aula, uma vez que professor e aluno devem ser os principais interessados pelo processo de ensino-aprendizagem.

Considerá-los como protagonistas na elaboração das políticas educacionais, poderá trazer mais sucesso aos programas de alfabetização, já que sentindo-se parte do processo criativo dos materiais, possivelmente os educadores interessem-se mais por seu estudo aprofundado, assumindo então a postura de pesquisador, cumprindo assim sua função de mediador no processo da construção do conhecimento por parte do alunado.

### REFERÊNCIAS

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos.** Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Português. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>> Acesso em: 29 abril. 2013.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Educação. **Ler e Escrever:** guia de planejamento e orientações didáticas; professor alfabetizador – 3º ano / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; concepção e elaboração, Claudia RosembergAratagy [e outros]. São Paulo: FDE, 2010.

LÚDIKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar?** Como planejar currículo – área – aula. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.